

O Olhar tem Vertigens: a Mediação Artística e Cultural na Construção de Conhecimento

Adriana de Freitas Pardal

Escola Superior de Educação de Lisboa

apardal@eselx.ipl.pt

Resumo

A mediação artística e cultural constitui-se como uma prática que tem em vista ocasionar momentos libertadores da mente e do corpo, para experimentar e conceber obras de arte enquanto inícios de explicitação de qualquer coisa de singular e coletiva; almejando, nesse incitamento, um movimento para se aprender a ver mais, a interrogar mais, a sentir mais; e, nessa possibilidade de ressonância orgânica dos sentidos, a ter prazer.

Trata-se, pois, de uma operação instigante, que orienta a dinâmica do/a mediador/a - intérprete face à força e fluxos próprios das coisas e dos participantes na ação, a conduzir e a produzir uma relação viva e harmónica, de correspondências entre estes. Ora, tal implica que o/a mediador/a conceba um desenho (ainda que provisional) de um sistema de situações específicas que convide o/a participante a se envolver e a desvelar qualquer coisa num lugar de reunião, formado por um conjunto de movimentos particulares. A compreensão surge, desta maneira, através das interconexões estabelecidas entre aqueles/as que se implicam no movimento de decifração das relações estéticas e sociais geradas a partir das condições existentes.

A vitalidade da obra de arte pode ser traduzida dessa maneira. Conforme Tim Ingold, “ver uma obra de arte é juntar-se ao artista como a um companheiro de viagem, olhar *com* a obra à medida que ela se desenvolve no mundo, mais do que olhar *por detrás* dela para uma intenção original da qual ela seja o produto final” (2022, pp. 127, 128). O/a mediador/a, interprete e companheiro/a de viagem, orienta a sua ação, no decurso de suas operações, no sentido de um *modus operandi* de interação multimodal; como tal o desenho da ação de mediação, por si projetado, não é algo estanque, terminado. A generatividade da mediação é a própria vida animada que a constitui.

À vista disso, a mediação refere-se a uma operação, que produz, tal como uma obra de arte ou prática artística, modelos de sociabilidade, os quais provocam efeitos de maior ou menor abertura aos participantes. Como é o caso das obras de natureza relacional ou social, que têm no seu âmago estratégias de proximidade, tais como o encontro e o convívio casuais - em tempo real - que propõe a arte como performance ou acontecimento, (re)afirmando uma nova ordem relacional, dialética. Encontramos de forma sistematizada o levantamento de uma série de práticas contemporâneas assentes em espaços-tempos da troca e da negociação inter-humana e entre humanos e o mundo, designadamente nos trabalhos de N. Bourriaud, de 2009 e de G. Kester, de 2013, nos quais concebem a obra de arte como produto do trabalho humano, distante de um sentido transcendental, em que arte se perspetiva como um modo de comunicação com a divindade.

O estudo que se propõe tem como principal objetivo dar um contributo para a compreensão do papel da mediação artística e cultural, através de uma obra de arte ou de uma prática artística, na indução de modelos de sociabilidade.

Esta reflexão não constitui um produto de fácil caracterização no plano metodológico. Não se excluindo a sua eventual associação a um estudo etnográfico, seria forçado fazê-lo, dado não ter sido organizado nessa

perspetiva. É resultado de uma vivência individual sistematizada, assentando, no essencial, na experiência vivida da autora enquanto mediadora em instituições culturais e museus de arte, enriquecida pela interação daquela com a produção teórica de diversos investigadores que estudaram a temática da mediação artística e cultural.

A prática da mediação, percebida no sentido democrático, de coesão, corresponde a uma atividade de interpretação coletiva, em que uma pequena comunidade é convocada a atuar, de forma a(e)fetiva e dialógica, no interior de um espaço-tempo, de pulsão estética. Esse ato de relação propõe uma abordagem afirmativa e criativa da vida, que aponta para a evidência da singularidade e diversidade humanas (Torremorell, 2008). Compreende igualmente uma atitude perante a obra de arte enquanto vontade corporizada; solo de resgate para a vivência e a participação cognitiva e emocional, para a invenção de uma paisagem (co)imaginada, na qual, de modo móvel e vivente, se constroem sentidos. Este ato consciente dos saberes incorporados determina uma série de conexões entre elementos do conjunto da obra, composto por múltiplas forças e possibilidades. O papel do/a mediador/a - similar a de um/a educador/a ou artista social - é apoiar a descobrir essas forças e desenvolver a capacidade de escolha e de criatividade. O afeto que aí se coloca supõe uma confiança, que não é da ordem do auxílio do outro, mas do encontro.

A mediação nos museus de arte afigura-se como espaço social de encontro e de partilha conducente a um espaço de aprendizagem, como o do seminário, onde “o conhecimento se produz de raiz, em que todos os participantes estão diretamente implicados no seu advento, a ele assistem e nele intervêm quer como parceiros quer como autores” (Ó, 2019, p. 489). No centro de ambos os espaços (museológico e académico) encontra-se um objeto, evento para a percepção estética e investigação “científica” que se dá na arte de tradução.

Ora, a compreensão de um dado objeto, independentemente das formas de receção, de apropriação (de escuta estética e de análise racional), bem como das intensidades de vibração dos enunciados, refere não só o que está nos seus efeitos, mas aqueles que dele podem advir na sua extensão. O que nos remete para um sentido de ligação, de coexistência, em que o conhecimento se socializa e se transfigura; e, nessa imanência, que não é meramente de uma aproximação intelectual, há uma dimensão vivencial, na qual transcorrem ressonâncias corporais e estados afetivos próprios de um saber sensível; em que, conseqüentemente, o si, do sujeito, que aí vive e atua, se engendra. Relação fina de um “saber-bússola”, descrito pela filósofa Suely Rolnik (cf., 2022) como um saber do corpo, ecológico, pertencente à decifração de uma gama das forças vitais do ambiente. Tal como o fio da aranha, como nota ainda a autora, que sintoniza uma série de frequências vibratórias que produzem um efeito na qualidade da força da aranha; propriedade que orienta onde a aranha vai ancorar o fio e com que arquitetura ela vai tecer. Tal como o si, do sujeito, se constitui na escuta do ambiente a que pertence, que se dá de modo flexível e exploratório.

Da reflexão feita, tem-se em vista colher alguns resultados no tocante à valorização do papel da mediação a diversos níveis, e nomeadamente: no apoio à compreensão de que a aprendizagem estética assenta fundamentalmente na experiência diante das obras, no envolvimento prazeroso que emerge de uma relação sensível, afetiva e erótica (Duarte Jr, 2010), nas correspondências entre fluxos materiais e consciência sensorial (Ingold, 2022). E, no reforço da conceção de que “não há pensamento fora da relação” (Pardal, 2022:4), condição existencial e social que indica um ecossistema de saberes situados e socialmente construídos, conceção que encontramos no conceito “ecosofia”, de Félix Guattari (cf. 2001), que articula uma perspetiva ético-política entre os três registos ecológicos: o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana que direciona num sentido ético-estético que se afasta de antigas formas de participação religiosa, política, jurídica ou associativa. Em síntese, contribuir para a visibilidade do papel de pequenas comunidades que se formam nas galerias do museu de arte, na produção de conhecimento.

Palavras-chave: Mediação artística e cultural, museus de arte, singularidade e diversidade humanas.

Referências

- Bourriaud, N. (2009). *Estética Relacional*. São Paulo: Martins Fontes.
- Duarte Jr, J.-F. (2010). *A Montanha e o Videogame: Escritos Sobre Educação*. Campinas São Paulo: Papirus Editora.
- Guattari, F. (2001). *AS TRÊS ECOLOGIAS* (11ª ed.). (M. C. Bittencourt, Trad.) Campinas, Brasil: Papirus.
- Ingold, T. (2022). *Fazer - Antropologia, arqueologia, arte e arquitetura*. Petrópolis: VOZES.
- Kester, G. H. (2013). *Conversation Pieces - Community and Communication in Modern Art*. California: University of California.
- Ó, J. R. (2019). *Fazer a Mão por uma escrita inventiva na universidade*. Lisboa: Saguão.
- Pardal, A. (2022). No acontecer das práticas artísticas contemporâneas : Processos e significações de aprendizagens colaborativas. Portugal. Obtido de <http://hdl.handle.net/10451/54665>
- Rolnik, S. (8 de março de 2022). As aranhas, os guarani e alguns europeus - outras notas para descolonizar o inconsciente. Rio de Janeiro, Brasil. Obtido em 25 de julho de 2023, de <https://www.youtube.com/watch?v=DfhBmflAdhM>
- Torremorell, M. C. (2008). *Cultura de Mediação e Mudança Social*. Porto Editora.